

# A Educação de um Geógrafo\*

CARL O. SAUER

## Sobre uma propensão original e uma predileção precoce

Como profissionais reivindicamos que só nós temos o privilégio de dedicar-nos ao campo da geografia. Não fomos nós, nem nossos predecessores acadêmicos, que descobrimos este campo, nem fomos os únicos à cultivá-lo, nem é provável que estivesse preenchido corretamente se pensássemos que está reservado àqueles que reivindicam o privilégio e a competência das indicações e dos títulos. O primeiro professor de geografia do mundo foi nomeado em 1820; eu pertencço ao grupo mais antigo da segunda geração dos Estados Unidos. Nós, que fomos investidos desta sucessão acadêmica, temos de nos lembrar sempre de que não passamos de alguns daqueles que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento geográfico. O interesse por este campo é imemorial e universal. Se nós desaparecemos, o campo subsistirá, e não ficará vago. Não podemos fazer nenhuma distinção discriminatória entre o profissional e o amador; ambos são necessários tanto como apreciadores e contribuintes do conhecimento geográfico. A ilusão está aqui: uma associação de mentes não é determinada por um comitê credenciado.

O geógrafo já nasce em parte geógrafo, em parte é amoldado desde cedo por seu ambiente, chegando bem mais tarde aos nossos cuidados profissionais. Esta é uma condição habitual e característica. Nós estamos recrutando profissionais e precisamos

---

\* *The Education of a Geographer* foi publicado em *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 46, 1956, pp. 287-299, a partir de um discurso endereçado ao presidente honorário da associação por ocasião de seu encontro anual, em abril de 1956, e republicado em Leighly, John (ed.). *Land and Life – a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer*, Berkeley, Univ. of California Press, 1983, pp. 331-379. A tradução foi confrontada com a edição espanhola, publicada por Garcia Ramon, J. et alii. *Teoría y Metodo en la geografía anglosajona*. Barcelona, Ed. Ariel, 1986. Tradução de Werther Holzer, do Departamento de Urbanismo, UFF.

reconhecer bom material em estado bruto. Suspeito que temos dificuldades pouco comuns como caçadores de talentos. Quão comum é a ambição de um jovem em tornar-se geógrafo? É um interesse improvável para se afirmar cedo ou para ser admitido aos companheiros, ou a si mesmo, em idade escolar. Na universidade, como sabemos muito bem, a preferência manifestada e efetiva por cursar disciplinas da geografia (e o sucesso em obter boas notas) é uma indicação pouco significativa de uma promessa futura. O estudante pode ser iludido por contatos temporários e por seu entorno, assim como pelas qualidades atrativas de seu professor. Quando ele é desvinculado destes incentivos pode cair na inatividade, e depois de algum tempo não se ouve mais falar dele. Como podemos descobrir a aptidão, o interesse emergente, a promessa da continuidade de um crescimento autônomo? Esta é nossa primeira preocupação. Se selecionarmos bem, metade do nosso problema estará resolvido.

Não quero que pareça que menosprezo o valor da grande escola, mas também não a valorizemos em excesso. Quem compartilhou daqueles antigos dias dourados em Chicago sabe da excitação espiritual do grupo que Salisbury reuniu. Salisbury tinha uma enorme clareza expositiva e a habilidade de desenvolver um tema a partir de questões rigorosas, mas o que mais aprecio nele é seu respeito pela curiosidade e pela dúvida por parte do estudante. Hettner, Philippson e Fleure serão lembrados como mestres da educação, de suas escolas vieram um número considerável de nossos melhores colegas europeus. Seus estudantes tinham procedências diversas e continuaram a desenvolver-se em direções bastante diferentes, e sua educação enquanto estudantes não os amoldou da mesma forma.

O que é aprendido na sala de aula pode ser esquecido, lembramo-nos do estímulo devido à associação de personalidades e interesses, relacionados mas variados. O período estudantil deveria convidar a algo mais do que as matérias estudadas. Não gostaria de pensar em alguém como produto de uma escola em particular, mas em alguém que foi descoberto e cuidado no tempo certo por bons jardineiros. E deste modo nos voltamos para as plantas jovens que podem florescer sob nossos cuidados, ou que podem fazê-lo sem eles.

Não somos um grupo precoce, nem deveríamos desejá-lo. É improvável que comecemos cedo, precisamos de um longo tempo para amadurecermos. Nossa tarefa é da acumulação lenta do conhecimento, da experiência, do discernimento; técnicas, processos formais de análise e de generalização estão subordinados. Não adquirimos competência rapidamente, nem pelo aprendizado de uma habilidade especial. Estamos sujeitos a mudança de enfoque na medida em que aprendemos mais sobre o que estamos pesquisando. O início em determinado tema pode resultar em outro tema distinto. Isto é ao mesmo tempo preocupante e excitante, de acordo com a natureza de cada um. Pensar que o rastro que se espera conduzir a um determinado ponto possa levar a direções inesperadas. Parece ser uma qualidade de nossa estirpe a de que necessitamos de mais vivacidade para aprender o que é relevante do que para nos aperfeiçoarmos em um treinamento ou método específico.

É normal então que relutemos em aceitar uma disciplina geral formal, que em nossos momentos de maior confiança nos imaginemos com o poder de explorar muitas direções, e que admitamos em nosso grupo interesses e temperamentos diversos. Sempre foi característica nossa a de sermos compostos de indivíduos de diversas procedências que possuem um denominador comum. A multiplicação nos últimos anos de nossos departamentos e institutos não alterou nossa origem plural, e, espero, não alterará.

Penso que é de nossa natureza ser uma população heterozigótica. Apesar de a reprodução em série ser agora possível em uma extensa gama de cursos de geografia, desde o primeiro ano até o doutorado, nós devemos muito de nosso melhor sangue àqueles que vêm de outros meios e procedências acadêmicas. Eles não estão conosco porque não se adaptaram às suas profissões anteriores, mas porque levaram tempo para achar seu lugar entre nós. Uma história reveladora dos geógrafos e do pensamento geográfico poderia ser escrita a partir deste tema da convergência de indivíduos de diferentes origens e condições.

Pode se reconhecer uma inclinação prévia pela geografia antes que se afirme como escolha deliberada? A característica mais primitiva e deliberada, deixe-me dizer, está ligada aos mapas e por pensar-se por meio deles. Estamos de mãos vazias sem eles, seja na sala de conferências, ao estudarmos, ou no trabalho de campo. Mostrem-me um geógrafo que não precisa deles constantemente, nem os queira ter ao redor, e terei dúvidas se fez a opção correta na vida. Apertamos nosso orçamento para adquirir mais mapas, de todos os tipos. Nós os colecionamos sejam os de postos de gasolina ou os de lojas de antiguidades. Nós os desenhamos, ainda que mal, para ilustrar nossas conferências e nossas pesquisas. Por pouco que um membro de nossa sociedade saiba sobre a atividade de um geógrafo, se ele necessita de informações que requerem um mapa, ele nos chamará. Quando ocorre de geógrafos encontrarem-se onde mapas são exibidos (não importa que tipo de mapas) eles comentam, recomendam e criticam. Mapas acabam com nossas inibições, estimulam nossas glândulas, mexem com nossa imaginação, soltam nossas línguas. O mapa fala através das barreiras de linguagem; às vezes é reivindicado como o idioma da geografia. A expressão de idéias por meio de mapas nos é atribuída como vocação comum e paixão. Até mesmo no período mais fundamentalista desta Associação os que se dedicavam aos mapas eram admitidos em seu seio.

Os mapas demandam atenção ao mesmo tempo sinóptica e analítica. Que tipo de estrada está assinalada, que país atravessa? Seus símbolos são traduzidos em imagens, e estes convergem para imagens mentais formando associações significativas de terra e vida. Nós os utilizamos como guias tangíveis e os desfrutamos quando viajamos em nossa poltrona. Quem não viajou através do mapa para o Tibesti ou o Tibete, aos cumes elevados do Tenerife ou à Trindade, sobre o horizonte ocidental, ou buscou a Passagem do Noroeste? Quem não esteve com Marco Polo em Catai, com o Capitão Cook nas Ilhas Sandwich ou com Parkman na Trilha do Oregon? Quem lê obras de ficção o faz pela trama, suspense ou conflito psicológico, ou para transportar-se para

as costas tropicais com Stevenson ou Kenneth Roberts, para a Índia com Kipling ou Masters, para conhecer a Flórida com Marjorie Rawlings ou para a Nova Inglaterra com Ester Forbes?

O geógrafo e o “geógrafo-por-ser” (*geographer-to-be*) são viajantes de fato quando podem, na imaginação, quando não há outro meio. Não são daquela classe de turistas que são guiados por profissionais do turismo pelas rotas das principais excursões com suas atrações estreladas, nem se hospedam em grandes hotéis. Quando estão de férias podem passar longe dos lugares que se supõe que devem ser vistos e passar por atalhos e lugares despercebidos onde desfrutam de um sentimento de descoberta pessoal. Gostam de andar a pé, fora das estradas, e lhes agrada acampar no fim do dia. Até mesmo o geógrafo urbano pode ter a necessidade de escalar montanhas desabitadas.

A vocação geográfica se fundamenta em observar e pensar sobre o que há na paisagem, no que foi chamado tecnicamente o conteúdo da superfície terrestre. Por isso não nos limitamos ao que é visualmente observável, mas procuramos registrar o detalhe e a composição da cena, fazendo perguntas, confirmações, itens ou elementos que são novos ou que desapareceram. Este estímulo mental devido à observação do que compõe a cena pode derivar de uma característica primitiva de sobrevivência quando tal atenção significava evitar o perigo, a privação, ou perder-se. Nos meus dias de trabalho de campo em áreas atrasadas do México aprendi a aceitar com confiança a competência em geografia e história natural dos guias nativos. Eles sabiam como interpretar a configuração do terreno, ter um mapa mental, notar quase que qualquer mudança na cena. Habitualmente podiam identificar as plantas e não se enganavam sobre o grupamento sistemático ou sobre a associação ecológica.

A geografia e a história natural estão sem dúvida relacionadas em seu modo de observação. Muito do que ambas identificam e comparam escapa à análise quantitativa. As espécies não são reconhecidas pela mensuração mas pelo julgamento dos que têm experiência acerca das suas diferenças significativas. Uma aptidão inata para registrar diferenças e semelhanças alia-se a uma curiosidade viva e uma reflexão rápida sobre o significado desta semelhança ou diferença. Existe, estou convencido, algo como um “olho morfológico”, uma atenção espontânea e crítica para formas e padrões. Todo bom naturalista as possui, e muitos deles também são muito bons na identificação e na comparação geográfica.

O termo “morfologia” foi introduzido no estudo das formas do relevo há cem anos, ele está no coração de nosso ser. Trabalhamos para o reconhecimento e a compreensão dos elementos da forma e de sua relação com a função. Nossas formas e seus arranjos são grosseiramente macroscópicos e infinitamente numerosos, de modo que temos que aprender sempre sobre como selecionar aquelas coisas que são relevantes e a eliminar as insignificantes. A relevância levanta a questão de porque a forma está presente e de como se relaciona com outras formas. A descrição raramente é adequada e freqüentemente pouco satisfatória, a menos que seja ligada a uma explicação. Parece necessário então reconhecer na inclinação geográfica pela quarta dimensão, a do tempo, o interesse por como o que está sendo estudado chegou a ser como está.

Alguns de nós têm este sentimento do significado da forma, outros o desenvolvem (nesses considero que já estava latente) e alguns nunca o adquirem. Há os que são rapidamente alertados quando algo novo entra no seu campo de observação ou desaparece dele. Uma das recompensas de se estar no campo com estudantes consiste em descobrir os que são rápidos e afiados na observação. E, então, há aqueles que nunca vêem qualquer coisa até que as apontemos. Neste momento filtramos os recrutas que podem iniciar, se a geografia é uma ciência de observação. A premissa aqui é de que construímos a partir das coisas que são vistas e analisadas, porém transitivamente, até a comparação com dados de outro lugar, de outra pessoa, ou deduzidos a partir de um passado que não pode ser visto.

### **Sobre não ser especializado**

A geografia, como descrição explicativa da Terra, fixa sua atenção na diversidade de características da Terra e as compara a partir de sua distribuição. De algum modo é sempre uma leitura da superfície terrestre. Não existimos como profissionais porque descobrimos uma linha de investigação ou mesmo porque possuímos uma técnica especial, mas porque os homens sempre precisaram do saber geográfico acumulando-o e classificando-o. Os nomes que utilizamos profissionalmente para os elementos ou formas que nós identificamos, e até mesmo para os processos que procuramos, são geralmente e corretamente derivados do vernacular; nós os organizamos em um vocabulário de inteligibilidade mais ampla e clara. Frequentemente os idiomas dos povos primitivos e os dialetos de nossas próprias culturas nos proporcionam termos mais significativos do que os da linguagem literária. Um exemplo familiar está no significado de terra, vegetação e formas culturais para os quais tomamos emprestado termos da fala local, estendendo sua aplicação para outros locais.

Além de nomear categorias geográficas, físicas e culturais, a partir da fala popular, obtemos conhecimento retrospectivo de condições passadas através do estudo dos nomes próprios geográficos. O vocabulário geográfico temático e local de cada idioma é um substrato particular de aprendizagem que ainda espera exploração, tanto para a identificação de variações do fenômeno como para visões culturais alternativas.

Neste sermão, como se pode fazer em um sermão, me remeto ao tema inicial do texto de que o conteúdo geográfico, as relações e os processos – em suma, a consciência geográfica – devido à razão e à necessidade, são mais amplos do que o campo com o qual nós, professores de geografia, trabalhamos. Além, e ao redor, do que estudamos hoje se encontra uma área de interesse, de identificação e de conceitos da qual pretendemos apropriar-nos apenas para nós mesmos. O assunto é, e será, maior do que a soma de nossos esforços na disciplina. Reivindicamos uma obrigação superior para contribuirmos de todos os modos dos quais somos capazes, sem afirmar direitos de prioridade ou de competência que derivem somente de nossa profissão. A *Associação de Geógrafos Americanos* começou e foi conduzida em seus primeiros

anos por aquele grupo notável de fundadores que se uniram devido a seu amor pelo tema, entretanto suas profissões estavam em outros campos como a geologia, a biologia, a história. Àqueles que foram dias muito bons, seguiu-se uma época de associação restritiva quando os que tinham a geografia como profissão eram selecionados em detrimento dos que trouxeram idéias e observações. Felizmente este tempo parece ter passado e estamos aumentando nosso companheirismo novamente.

Se reduzimos os limites da geografia, o campo maior ainda existirá, será só a nossa consciência que terá diminuído. Ainda que o indivíduo limite os seus esforços, não pode pedir a mesma limitação aos outros, nem negar sua aprovação para esforços que se dão em outra direção. Um geógrafo é qualquer amador competente – no sentido literal – de tudo o que é geográfico; que nunca desejemos ser menos do que isso.

Um método particular de examinar dados é conhecido de todos os estudiosos como o método geográfico, baseado em cartografar os limites ou alcance de fenômenos, características ou traços que têm uma distribuição localizada sobre a Terra. O mapeamento das distribuições foi iniciado por historiadores naturais, ou filósofos naturais, como eram chamados no século dezoito os que estavam interessados nos limites das espécies e, desse modo, na expansão ou dispersão de organismos em seus âmbitos mais extremos. Esta descrição cartográfica sempre é temática ou analítica: que qualidades do ambiente, que rotas de dispersão, quanto tempo transcorreu, que interdependência ou competição se estabeleceram além dos quais não se encontra determinado animal ou planta? Há um século e um quarto atrás Berghaus estendeu tal cartografia temática de modo a incluir não somente dados bióticos e fisiográficos, mas também culturais, a partir dos povos, economias e idiomas. Ratzel examinou a distribuição das características culturais, como as da tecnologia primitiva, e foi o grande responsável pela atenção dada, desde então, por etnólogos à expansão ou difusão de conhecimentos ou habilidades específicas.

Uma arte árdua e recompensadora de detecção é oferecida por estes estudos sobre as distribuições: eles são geograficamente descritivos porque se preocupam com a extensão terrestre, são geograficamente analíticos porque exigem a identificação formal dos elementos que estão sob escrutínio e comparação com outras distribuições, são geograficamente dinâmicos porque buscam pistas da distribuição para explicar a presença ou ausência, de origens e limites. A distribuição é a chave do processo. As satisfações intelectuais com tais investigações são inesgotáveis. Tal objetivo continuará a orientar estudiosos de muitas disciplinas das quais podemos adquirir conhecimento, mas também temos que participar dele com o nosso trabalho.

Não é necessário nem desejável que a totalidade da região seja considerada como a base comum do estudo geográfico. O interesse individual e a competência começam, e podem permanecer, com elementos específicos da natureza e da cultura, e com o significado de suas relações espaciais. Se afirmarmos que nosso trabalho consiste em fazer a síntese, provavelmente dependeremos de outros campos para validar o que agrupamos e interpretamos.

Embora o método de distribuição analítico, chamado de geográfico, seja empregado com habilidade e perspicácia por outros além de nós, é o que mais recompensa os nossos propósitos. Individualmente temos que tentar, e esperar, competência, aprendendo mais ou quase tudo sobre a distribuição de uma coisa ou de um grupo de coisas. Eu não aceito a idéia de que qualquer um pode fazer a geografia de uma região, ou geografia comparativa, quando conhece pouco sobre o tema e compila o que outros pesquisam, como não aceito a noção de que todo geógrafo deve fazer a síntese regional. O absurdo denominado teoria holística me deixa paralisado; produziu compilações onde precisamos de investigações. Este não é um conselho desesperado mas o desejo de dizer que a geografia, como a história, resiste a qualquer organização geral de interesses, direções ou habilidades, contudo não perde a posição reconhecida de que possui seu próprio campo de conhecimento válido como processo de descoberta e de organização. Em uma época de imenso incremento do conhecimento e das técnicas permanecemos até certo ponto não delimitados e, posso acrescentar, não fomos reduzidos a uma disciplina específica. Isto, penso eu, é nossa natureza e nosso destino, nossa fraqueza atual e nossa força potencial.

Continuamos sendo, acertadamente como já disse, o que sempre fomos, uma reunião de indivíduos diversificados, que dificilmente podem ser descritos em termos de predomínio de qualquer tipo de aptidão ou de temperamento, faculdade mental ou impulso emocional; sabemos que estamos unidos por afinidade eletiva. É tão difícil descrever um geógrafo como definir a geografia e, em ambos os casos, estou contente e esperançoso. Com todas as críticas sobre o que realizamos, é motivo de satisfação saber que realmente não prescrevemos limitações de investigação, de método ou de pensamento aos nossos associados. De vez em quando há quem tente, mas o rechaçamos depois de um tempo e continuamos a fazer o que gostamos de fazer. Há pressões institucionais e curriculares, mas estas não são diretrizes intelectuais. Um dos mais sábios administradores universitários disse que qualquer departamento é, em grande parte, uma conveniência orçamentária.

Parece apropriado então destacar a qualidade da geografia como campo não especializado. O pesquisador deve tentar obter tudo o que puder de perspectivas e habilidades especiais daquilo que lhe chama a atenção. Porém, nossos maiores interesses não recomendam uma diretriz individual. Temos uma situação privilegiada que não devemos abandonar. Sozinhos ou em grupo tentamos explorar a diferenciação e as interpelações dos aspectos da Terra. Damos as boas vindas a qualquer trabalho competente de qualquer fonte, e não reivindicamos nenhum direito de propriedade. Na história da vida as formas menos especializadas tenderam a sobreviver e a florescer, enquanto que tipos auto-limitados se tornaram fósseis. Talvez aí esteja o significado da analogia para nós. Aqueles tipos muito diferentes de mentes e de inclinações encontram uma associação congenial e compensadora, desenvolvendo habilidades e conhecimentos individuais. Prosperamos com a hibridização e a diversidade.

## O período de formação

No período de formação temos modos diferentes de selecionar e condicionar os candidatos. Os comentários que aqui apresento são os de um treinador veterano que acompanhou muitos jogadores desde suas primeiras partidas até as performances da maturidade.

Em primeiro lugar, duvido que os estudantes universitários do primeiro ciclo serão preferencialmente recomendados como os que devem continuar como estudantes graduados. Quanto maior for o programa do primeiro ciclo e mais pré-requisitos contenha, mais provável é que não estabeleça uma educação liberal equilibrada, e menos margem existe para que o estudante se aprofunde em áreas do conhecimento das quais necessita individualmente. Nós também fomos tragados pela tendência acadêmica atual da especialização que está estreitando o processo educacional de nível superior em quase todos os lugares deste lado do Atlântico, e está empurrando os departamentos para orientações aplicativas e técnicas.

Colocar rótulos nos principiantes os coloca prematuramente na profissão. Arquivistas e outros tipos de administradores gostam de tais facilidades de identificação. Fomos colhidos de surpresa porque departamentos dependem de verbas, de matrículas e de outros tipos de números que têm pequena relevância para os fins de aprendizagem. Uma boa fórmula de graduação seria, para nós, a de um número bastante limitado de cursos de geografia (especialmente limitado no número de cursos de geografia regional), e enriquecido por matérias das artes liberais, especialmente história natural e cultural. Um currículo departamental extenso é provavelmente sinal de inchaço e não de fecundidade.

Que tipo de formação e aprendizado se obtém dos cursos de geografia regional? Depois de tantos anos continuo sem a resposta. Acredito que damos demasiados cursos deste tipo, que podem ser ministrados por razões fúteis, e que freqüentemente contribuem pouco para o aprendizado e a habilitação. A preocupação cada vez maior com classificações regionais e limites regionais me deixa frio. Creio que gosto mais de meus cursos sobre América Latina desde que deixei de lado qualquer sistema classificatório de regiões geográficas. De qualquer modo, quem pode, ou quer, se lembrar de tantas subdivisões regionais? Em nossa própria administração decidimos há muito tempo que só deveríamos ministrar cursos de geografia regional se o professor tivesse uma preocupação prévia e central com esta área, especialmente se estivesse baseado em seguidos trabalhos de campo temáticos mais do que com os de conteúdo abrangente.

Um bom curso de geografia regional é, em grande parte, uma criação individual que exige muita dedicação, que envolve desconfortos físicos e prazeres musculares, cutâneos, gástricos, e que foi alimentado por muita meditação. Exige algum conhecimento e interesse em geografia física e compreensão sobre outros modos de vida e de como eles ocorreram. Necessita de uma associação realmente íntima com outras culturas e sua aquisição é lenta. Para mim é um estudo de geografia histórica. Tal curso pode abrir novas perspectivas para o jovem estudante e pode deixar impressão dura-

doura em sua educação. Porém tal curso evolui lentamente e não é construído sobre o que é genericamente aplicável, nem no que lhe é simétrico ou no que é enciclopédico, na organização dos assuntos a serem conhecidos. Se é verdadeiramente instrutivo, dificilmente poderá ser reproduzido ou ministrado por outra pessoa, nem serve de modelo para a construção de cursos paralelos sobre outras regiões. Assim, os programas de estudo sobre a área, muito promovidos e subsidiados nos últimos anos, necessitam confiar em uma unidade pré-planejada, em uma unidade metodológica, em dados secundários, em lugar daqueles colhidos por um observador experimentado. Igualmente, temos muitos cursos de geografia regional que são montagens organizadas de fatos colecionados laboriosamente, de segunda mão. *A* escreve um livro, *B* o utiliza como texto, e assim os cursos de geografia regional proliferam.

Se expurgamos muito do trabalho de geografia regional inserido em nossos currículos, também devemos nos obrigar a tirar os cursos temáticos dos cantos escuros em que se encontram. Cursos temáticos têm a vantagem de serem analíticos, seus elementos podem ser examinados em qualquer escala e através de técnicas mais ou menos adequadas. Na educação do estudante e no desenvolvimento do pós-graduado a investigação temática é acessível e gratificante.

Tenho cada vez mais dúvidas se os pesquisadores iniciantes devem fazer estudos regionais. Quanto mais teses de geografia regional eu vejo, com suas descrições, classificações e mapas, que possivelmente são úteis, mas são principalmente coletâneas secundárias de fatos presumidos, o que mais desejo é que este tempo e energia tivessem sido enfocados em uma tema que se constituísse em um problema. Que problemas são colocados e, ao menos em parte, resolvidos em uma tese mediana de geografia regional? O incipiente geógrafo regional ou está em apuros para descrever o que deseja ou segue um agrupamento rotineiro de dados que amesquinha seu trabalho. Uma finalidade do conhecimento geográfico é a compreensão comparativa regional. Não concordo de modo algum que este deva ser o seu único fim, e que os estudos temáticos sejam considerados como materiais de construção. Me adiantarei em dizer que se a maioria de nossos jovens estudantes estivessem na trilha de outros temas que não os regionais sua contribuição para o conhecimento seria mais numerosa e mais valiosa.

Houve um tempo em que a maioria dos geógrafos da América fazia dos estudos fisiográficos ou geomorfológicos suas tarefas cotidianas. Em outras partes do mundo ainda é assim, como vimos aqui o que acontece no Canadá. Abandonando-os, perdemos em aprofundamento. Qualquer tipo de geógrafo adquire conhecimento ao saber sobre os processos de erosão, de transporte e de sedimentação que modelam toda a face da Terra que ele estuda. Abandonamos também um forte incentivo, talvez o mais exequível, para a observação de campo e para treinamento visual no reconhecimento das características do diagnóstico que permitem uma descrição explicativa. A morfologia do relevo liga a forma ao processo; ela requer observação seletiva e julgamento crítico sobre o que aconteceu na superfície estudada. Lamentaria não haver aprendido o que me ensinaram Salisbury, Leverett e outros no reconhecimento das formas de

relevo glacial, estabelecendo hipóteses múltiplas até concluir sobre o significado das evidências. Quando deixamos de considerar as formas do relevo como assunto nosso, perdemos nosso maior estímulo para sairmos em campo, ver e pensar, colocar problemas e resolvê-los. Substituímos uma ciência vivaz e promissora por esquemas rasteiros de descrição, talvez elaborados para evitar nossa curiosidade. Nós estamos negando o melhor ao jovem estudante no que se refere aos meios de treinar a observação e desenvolver a generalização. Não é mero acidente que tantos dos que mais contribuíram para a geografia humana, pelo menos nos primeiros anos, deram também contribuições importantes para a geografia física.

O campo da biogeografia requer mais conhecimento de biologia do que pode ser exigido da maioria de nós. Porém, é tão importante para nós e tão pouco cultivado em todos os seus ângulos, que deveríamos encorajar o cruzamento da geografia com a história natural sempre que o estudante fosse competente. Particularmente, precisamos saber muito mais sobre o impacto humano na cobertura vegetal, da alteração do homem sobre o solo e a superfície, sobre sua relação com a expansão ou retraimento de espécies, do agenciamento humano na dispersão e modificação das plantas. Alguns de nós estão refletindo sobre estas questões, e deveriam ser muitos mais a refletir sobre elas. Esta recomendação significa que não vejo nosso futuro em uma acomodação nos limites que nos separam de outras disciplinas. Precisamos exatamente de estudiosos que queiram aprender sobre estas fronteiras, como as da biologia. Não significa que pretendamos arrebatar o território de outros. Sabemos que a distribuição das plantas e a intervenção do homem sobre o resto do mundo orgânico são dos principais temas da geografia. Brunhes fez com que esta lição ficasse clara para todos. Não podemos deixar de considerar o homem como um ser que aumenta continuamente seu domínio sobre o mundo vivente; e precisamos, então, de nos familiarizarmos mais com a história natural e incluímos seus procedimentos de trabalho de campo e sua maneira de enfrentar os problemas. Homer Shantz é nosso melhor exemplo de uma contribuição significativa; o que apresentou nas reuniões desta Associação será lembrado por muito tempo devido à sua perspicácia no que é específico e ao seu conhecimento geral. Na Europa esta tradição é antiga e generalizada. Na Alemanha, por exemplo, a geografia foi enriquecida pela biogeografia desde os dias de Humboldt através de Gradmann, Waibel, Troll e Wilhelmy. Estes e outros foram os melhores geógrafos, tanto os que se dedicaram às formas do relevo quanto os que estudaram as culturas humanas, porque puderam compreender o *standort* ou seja, a localização dos dados bióticos. Waibel, ternamente lembrado por vários dos que estão aqui, transferiu o sentido dos problemas que havia desenvolvido na biogeografia para a geografia econômica e da população.

Por trás do que estou dizendo está a convicção de que a geografia é primeiramente todo conhecimento que se obtém por meio da observação, aquele que é ordenado pela reflexão e por um novo exame das coisas que as pessoas têm visto, e aquele que a pessoa experimentou a partir de seu contato pessoal a partir da comparação e da síntese. Em outras palavras, a principal formação do geógrafo deveria vir, onde quer que

seja possível, pelo trabalho de campo. Aqui a pergunta relevante não é se ele adquire prática a partir de técnicas cartográficas, mas se ele aprende a reconhecer as formas que expressam uma função ou um processo, a ver os problemas implícitos na localização ou na extensão da área, a pensar na articulação com a sua ocorrência ou a sua ausência. A classificação das formas, seja do relevo, da vegetação ou da cultura, é opcional; o importante é tomar consciência de como a forma começou, reconhecer tipos e variações, sua presença ou ausência, funções e derivações, em suma, cultivar o sentido da morfologia.

As excursões e as aulas de campo não necessitam de uma organização predeterminada de observações, como na legenda de um mapa sinóptico. Surgirão pistas em abundância – físicas, orgânicas ou culturais – durante o percurso, com a observação e a troca de informações. Uma experiência de campo bem sucedida pode muito bem resultar de um tema diferente para cada participante. Para alguns, o veja-o-que-você-pode-encontrar no trabalho de campo pode ser irritante e desorientador porque não se conhece de antemão o que se encontrará. Quanto mais energia se dedique para registrar categorias predeterminadas, menor é a probabilidade de se aproveitar a exploração. Prefiro pensar que um grupo qualquer de jovens em campo está numa viagem de descoberta, e não em um trabalho de agrimensura.

Estas excursões e aulas de campo são a melhor aprendizagem. O estudante e o professor trocam perguntas e sugestões a partir da cena cambiante e se ocupam de uma forma peripatética de diálogo socrático sobre as qualidades de, e na, paisagem. A locomoção deveria ser lenta, quanto mais lenta melhor, sendo interrompida freqüentemente por paradas demoradas para descanso em pontos panorâmicos ou em pontos que ensejam questões. Caminhar a pé, dormir ao relento, sentar-se à noite no acampamento, observando o sítio em todas as suas estações, estes são meios mais propícios para se intensificar a experiência, de converter impressões em avaliações e julgamentos. Não possuo nenhuma prescrição de método; evite qualquer aumento de rotina e de fadiga que diminua a vivacidade.

Uma de nossas mais antigas tradições é iniciarmos observando as cenas circundantes. Também pertence a uma grande tradição a de que o viajante se lance sozinho para lugares distantes e estranhos para se tornar um observador participante de uma terra e vida desconhecidas. Um teste interessante da geografia americana que está em curso, e com respostas inesperadas, é o de conceder bolsas enviando pessoas para lugares distantes e parcamente conhecidos, para que os observem sem pressa. Uma das melhores experiências da juventude é de irmos onde nenhum dos nossos foi, ver, aprender e compreender o que ainda não foi conhecido por nenhum de nós. O aconchego da sala de aula, do desenho sobre a mesa, da biblioteca, precisa ser substituído por todo o encorajamento possível para que o aluno possa se desenvolver e empreender seu vôo solitário.

Na formação do geógrafo deveríamos dar atenção, finalmente, para a história do pensamento geográfico, para as idéias que incitaram e orientaram a investigação geográfica, e para os meios intelectuais circundantes, nos quais a geografia viveu em

diferentes épocas e lugares. Nós, como qualquer outro grupo, não podemos nos contentar com a bibliografia atual, ou que está disponível em inglês. Complacência com a nossa própria língua significa a exclusão de grande parte do que é conhecido e questionado, provavelmente do melhor. Pode alguém alegar que prefere permanecer ignorante em seu próprio trabalho porque ele exige esforço de investigação, deixando de lado o que foi realizado em outros tempos ou porque a bibliografia está em outro idioma? Um estudioso não se limita ao que é conveniente, ainda mais se devido à sujeição arbitrária a um idioma. Um doutor monolíngue é uma contradição, uma pessoa que não foi estimulada pela história das idéias. Por sua persistência, alteração ou enfraquecimento, condena-se a viver em uma pobreza desnecessária.

Até agora deixei apenas rastros metodológicos em minha trilha. Vivemos dias em que o método está sendo buscado, pensado e professado, particularmente por estes que se autodenominam de cientistas sociais. Permanecemos livres de compromissos, ainda que nos advirtam que também deveríamos ter uma metodologia adequadamente definida. Um pouco de metodologia é tonificante, mas facilmente se torna uma camisa-de-força, desviando-nos do trabalho produtivo. Eu recomendaria que aprendêssemos mais sobre o estudo das idéias dominantes e dos problemas que surgiram para o trabalho geográfico, sobre os objetivos e mudanças de interesse reveladas pelas biografias dos que mais contribuíram. O que penso que a geografia deveria ser ilustra apenas as minhas preferências. O que a geografia é está determinado pelo trabalho dos geógrafos de todos os tempos e lugares. Métodos são meios; a escolha está com o pesquisador a partir de sua tarefa particular; o crítico pode objetar a incompetência mas não para o que o autor buscava. Perguntemos “o que é a geografia?” observando e valorizando tudo o que foi bem feito e com novas perspectivas.

## **Descrição para quê?**

Espero terminar esta apresentação sem qualquer pronunciamento sobre o que é a geografia. Começamos selecionando os tipos de coisas que podem ser descritas em uma investigação. Em cada caso o tema provê o cenário para os dados, e previne contra uma dispersão da atenção com o que é excessivo ou irrelevante. O estudo convencional da área pode constituir uma enciclopédia, mas não uma síntese. Não estaremos sob uma forma de falácia indutiva se coletarmos muitos dados sobre inúmeras questões pensando que estes adquirirão, de algum modo, significado? Tal humildade é, à primeira vista, a esperança que o laborioso trabalhador deposita indevidamente em outra pessoa que talvez no futuro se utilize das peças de madeira que ele cortou e empilhou. Não conheço nenhum sistema geral ou descritivo de estudo regional que contenha uma promessa real de taxonomia.

No momento há um entusiasmo pela cartografia de campo e suas técnicas. O geógrafo, como já disse, deveria estar em campo e cartografar e cartografar. Mas, que mapa é esse e qual é o seu propósito? Esta possibilidade não é outra alternativa do

mesmo dilema? Tematicamente, para as formas do relevo e conjuntos vegetais, o cartografado é factível e pode dar bons resultados, se for morfológico e não morfográfico. Ultimamente passamos por uma inflação de pesquisas sobre o uso da terra, urbana e rural. Tendo sido um responsável por estas iniciativas (dualistas, se desejarem, mas nunca “holísticas”), tenho cada vez mais dúvidas sobre elas como ferramentas de descobrimento. Compor a legenda dos mapas deveria ser um exercício mental refinado; executá-las cartograficamente produz lucros decrescentes, salvo para a revisão da legenda. A revisão do esquema invalida, em certa medida, o que foi mapeado; portanto é deixada de lado como algo que atrasa o trabalho. A legenda pode chegar a dominar o observador, rebaixando e limitando suas observações em função de uma rotina predeterminada. A rotina pode trazer a realização cotidiana quando se preenche as áreas em branco, mas quanto mais energia se gasta em registrar, menos permanece do jogo de observação e de reflexão. Não comprometam sua temporada de campo impondo-a um limite a partir da cartografia, a não ser que saibam que isto é exigido por um problema existente e real. Raramente necessitamos de despendar tempo com a precisão na localização, limites e áreas; croquis de situações-tipo, cartogramas em escalas reduzidas, em sua maioria servem aos nossos propósitos. A temporada de campo é seu período mais precioso; o quão precioso ele é você só saberá depois.

O sistema de cartografar por “unidade espacial” pode ser uma técnica de catalogação útil, como o sistema decimal dos bibliotecários (ainda que duvide disso), mas como meio de investigação eu o colocaria em nível inferior a qualquer outro tipo de esforço.

Estas dúvidas sobre os programas e as técnicas cartográficas baseiam-se na convicção crescente de que não devemos esforçar-nos para que se faça uma geografia quantitativa. A quantificação é a tendência dominante em nossas ciências sociais, que estão imitando as ciências mais exatas e experimentais; ocorre agora ser a favorita dos que concedem verbas para programas de longo prazo e pelas organizações institucionais. Penso que podemos deixar a maioria das enumerações para os que realizam os censos e para outros cuja tarefa é a de estabelecer séries numéricas. Meu ponto de vista é de que nos ocupamos com processos que são geralmente não recorrentes e que envolvem períodos que se ampliam muito além do curto prazo disponível para a enumeração.

## **Além da ciência formal**

Além de tudo aquilo que pode ser transmitido pela instrução e pode ser dominado mediante técnicas, se encontra o domínio da percepção e da interpretação individual, a arte da geografia. A geografia regional verdadeiramente boa, é arte refinadamente figurativa, e a arte criativa não está circunscrita a padrões ou a métodos. Ficamos envergonhados sem razão quando aparecemos em público sem as insígnias de identificação do nosso meio. Vidal de la Blache livrou os geógrafos franceses de tais escrúpulos, a geografia francesa tornou-se notável por seus retratos regionais significativos

e vívidos. Podemos ter mais talentos artísticos ocultos do que supomos, mas não os encorajamos, e ele é suprimido. Em muitos casos é uma carta escrita no campo que estimula e ilumina nossa pesquisa, mas nenhum vestígio dela pode ser encontrado no relatório final. Porque um geógrafo que trabalha nas Grandes Planícies não pode transmitir a sensação de horizonte, de céu, de ar e de terra, como fez Willard Johnson? Ou como as que Shaler e Ellen Semple fizeram para o Kentucky e seus habitantes? Porque nossos estudos regionais não são como esculturas de madeira que podem atrair pela contemplação e pelo prazer que proporcionam?

A avaliação estética conduz à especulação filosófica, e por que não? As composições da natureza, as linhas e cores do terreno e do manto vegetal não são coisas a considerar? Não são inevitavelmente acertadas as cenas rurais onde o povo simples projetou e implantou suas habitações? As estruturas humanas exprimem funções a partir da adaptação ao sítio, como um selo que identifica as preferências de cada cultura particular. Há uma estética no conjunto de formas, uma morfologia estética da paisagem, freqüentemente violada pela civilização industrial. Esta questão da paisagem harmoniosa não é algo merecedor de reflexão?

Não é preciso dizer que não é tarefa nossa cruzar o umbral dos juízos de valor. Estamos amplamente envolvidos no estudo do comportamento humano; é normal e razoável que estejamos preocupados em quando o homem agiu bem ou mal. A ciência social como é praticada hoje não substituiu a filosofia moral. Como estudamos o modo dos homens se utilizarem dos recursos de que dispõem, distinguimos entre o bom e o mau uso agrícola, entre o uso econômico conservador e o gastador ou destrutivo. Ficamos aflitos com o empobrecimento progressivo de partes do mundo. Não gostamos da erosão do solo, da devastação da floresta ou dos fluxos poluidores. Não gostamos deles porque são feios e denunciam pobreza. Podemos fazer cálculos sobre a perda de produtividade, mas também refletimos sobre a malversação como algo mais do que um assunto relativo a lucros ou prejuízos. Estamos conscientes de que o que fazemos determinará o bem ou o mal para as vidas que virão depois das nossas. Por isso, nós geógrafos não podemos, antes de tudo, deixar de pensar no lugar do homem na natureza, em toda a ecologia. A intervenção do homem no mundo orgânico e inorgânico e as alterações que ocasionou aceleraram-se de tal modo que se pode ficar tentado a abstrair o presente e a escapar para o futuro onde a tecnologia terá domínio sobre todos os assuntos, e assim nos prometer perdão e redenção. Mas será? Este é o caminho ao qual estamos predestinados? É o tipo de mundo que queremos? O moralista vive afastado das cotações de mercado e seus pensamentos se guiam por outros valores.

Na geografia acadêmica não há nenhum mal que uma geração próxima forte não possa solucionar. Podemos ter a sucessão de que necessitamos se nos liberarmos o quanto seja possível para que cada um faça o melhor do goste e que possa fazer. Não é necessário, por definição, que seja prescrito o que eles farão ou os métodos que utilizarão. A liberdade acadêmica deve sempre ser novamente obtida.